



Pai Américo deixou-nos a legenda: «Trabalhos pequeninos e caseiros são fonte de regeneração».

Notas da quinzena

PODEMOS tornar os Pobres felizes com a nossa oferta. Quem experimentou?

Não é do quanto que vos falo, mas do modo como se dá. Um gesto pequenino feito com devoção tem muito poder e provoca admiração. É o óbulo da viúva que se repete em toda a sua beleza e fecundidade.

As dúvidas que nos chegam, quase sempre trazem o acrescento: «É uma migalha». Quem dá por amor tem a sensação de que fica sempre em dívida; acha que recebe mais do que aquilo que dá.

Passou-se, há dias, comigo quando estava no Calvário. Quem me dera narrar com o coração a beleza do gesto dos simples!:

— O Bino é um doente incurável, com deficiência profunda. Tem suas birras que nem sempre se compadecem com os gestos de ternura que outros têm para com ele. Aconteceu que o Zé, outro doente e deficiente, aproxima-se para lhe dar a mão, mas foi sacudido. De imediato, o Zé agarra-se ao pescoço do Bino que o agradeceu, e dá-lhe um beijo.

Não julgo a profundidade ou o grau de consciência destes gestos. Quero, antes, ver a beleza deles espelhada no sorriso que ambos os doentes mostraram. Eu, também, sorri. São coisas pequeninas. Mas onde está a novidade de cada dia; o bom dia que cada dia nos dá?

Naqueles que o mundo tem por lixo está um tesouro da humanidade. Neles bebemos lições de Sabedoria. Pobre terra, para onde caminhas sem os espaços para o amor gratuito?

Vou dando conta de que aquilo que o homem descobre a seu respeito, já foi encontrado no Evangelho.

Na atitude do Zé para com o Bino vi como se realizou a palavra do Senhor lida no final da tarde desse dia: «Bendigo-te, ó Pai, porque escondes estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos».

A Inácia morreu. No Calvário era conhecida por «Líria», pela beleza de seus olhos. Há muitos anos que não se sabia de ninguém da família. Mas não estava abandonada, não. Maravilha do Calvário!

As semanas que precederam sua morte foram testemunhas diárias de gestos e palavras carregados de amor maternal e fraterno. D. Manuela, senhora de Lisboa, que veio passar algum tempo com os doentes, acompanhou-a até ao fim. Uma mãe e irmãs não dariam mais que ela. A «Líria» morreu com a paz e a alegria dos simples de coração.

A Beatriz foi a enterrar, uma semana depois. Já tinha sido operada a um cancro no peito. O médico admirava-se por tanto tempo de vida. No Calvário não há remédios especiais. Não é lugar de cura. O Calvário nasceu para que o doente incurável pudesse morrer dignamente. Acontece, porém, que, levando os dias contados, do abandono, vive mais, com espanto das pessoas; só porque tem aquilo a que todo o ser humano tem direito.

Se pudéssemos e quiséssemos tornar os Pobres felizes com a oferta das nossas vidas...

Padre Manuel António

PARTILHANDO

BOA amiga. Recebemos a sua carta onde nos aponta — conforme o seu parecer — algumas causas da falta de vocações na nossa Obra.

Segundo a lógica humana, tem a sua razão: Vencimentos, férias, relações sociais, segurança na velhice, etc. Aquela justiça social que espelha aos olhos e nós pregamos.

Só que, desculpe-nos agora boa amiga, no verdadeiro mergulho vocacional se quebram todos os espelhos e os raios reflectidos estragam a lógica das pessoas e coisas.

O Senhor chamou: logo as redes ficaram num monte, os remos ao acaso e os barcos foram apodrecendo na baba das marés.

Entendemos a presença das senhoras na Obra da Rua — como a dos sacerdotes — num sim ao chamamento. Sim que em cada dia é entrega e doação totais.

Não há condições, contratos, papéis, horários ou hábitos... Somente o «ir» à palavra «vem».

Humanamente, nada é aliciente nesta nova vocação na Igreja: Um trabalho modesto, sem ser notado, sem graus nem promoções. E, diz Pai Américo: «Sem nada que se veja, sem nada do que o mundo oferece. Andais atrás duma promessa que não sabeis quando e como se realiza».

Incarnação de mães!

Quem nota as mil tarefas diárias de cada mãe? Mas elas lá estão pujantes de vida e beleza. Grandes no olhar de Deus e no coração dos filhos.

Férias, velhice e reforma?

Vejam o que nos diz o Evangelho: «Em verdade vos digo: Não há ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais e filhos ou terras por causa do Reino de Deus, que não receba muito mais no tempo presente e, no tempo que há-de vir, a Vida Eterna».

E, outra vez, o nosso Pai Américo: «Em nome de Deus vos prometo que nunca vos há-de faltar nada. Da parte corporal somos nós que prometemos. Não é preciso pedirdes. Cada uma de vós é como que um esteio da Obra».

De facto, o Senhor dá-nos tudo: Casas, amigos, filhos, netos e bisnetos. Tem havido sempre um lugar de férias e nunca algum hospital nos fechou as portas.

Na velhice? Não pomos o problema. O Senhor não muda.

Tem razão no que se refere à falta de acolhimento: Aqui já somos nós com as nossas fraquezas e omissões...

Outra vez Pai Américo: «Apesar da força negativa da nossa Obra, sois felizes. Somos tão secos, tão duros; andamos prá frente sem atendermos nunca».

Arestas vivas que iremos limando...

Neste aspecto a sua carta foi uma ajuda. Escreva mais vezes.

Padre Telmo

CANTINHO DAS SENHORAS

É tão bom viver para os que precisam, dar sem esperar recompensa, amar sem medida! A verdadeira felicidade encontra-se nesta doação. É inútil procurá-la noutro lado.

O Evangelho diz que nos amemos como Jesus nos amou, amar o próximo como a nós mesmos. Quem diz amar a Deus e não ama o próximo é mentiroso.

Na Obra da Rua precisamos de mulheres que queiram dar o seu amor, a sua dedicação a estas crianças desprotegidas da sorte, escoraçadas pelos seus familiares. No dizer de Pai Américo, são os filhos de ninguém. Nesta entrega ao Senhor, morremos para o mundo. Que importa esta morte num mundo tão cheio de podridão, procurando prazeres e distrações que só

nos afastam do nosso caminho de baptizados, crucificando Cristo de novo e caminhando para uma eternidade infeliz? Vale a pena sacrificar e arriscar tudo. Junto destes rapazes vivemos numa família onde nos sentimos felizes, dando-lhes amor e recebendo. Vivemos aqui o nosso mundo, absorvidas no nosso trabalho sem nos lembrarmos que existe lá fora um mundo cheio de atracções. Os rapazes são a nossa família. Preocupam-nos e vivemos com eles os seus problemas. Quantas vezes, no silêncio do meu quarto, recordo frases que lhes ouço e me comovem. Como esta, que há pouco ouvi de um, com treze anos: «Todos os meus irmãos, depois que a minha mãe nos abandonou,

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENÇA — Vive sozinha. É solteira e tem uma doença incurável. Precisa de remédios para se manter viva. Mais: para esgravatar o pão de cada dia — bem duro de roer!

Periodicamente, os leitores aviam receituário muito caro. Alguns medicamentos, compartilhados; outros, não — qual forma de aliviar o orçamento do País... sacrificando os Fracos.

Quando pede o que precisa, a mulher franze a cara, d'envergonhada. — É mais uma...!, acentua. O doloroso mais é sinal de rol incontável, que gostaria não fosse. Uma consciência recta. São assim os Pobres mais pobres!

No último trimestre, a conta da farmácia ronda os cinquenta contos. O tesoureiro geme. Mantemos a vida e saúde de muitos necessitados! Até de operários cujo salário não chega para tudo, botica inclusivé. E dizem os fatos, à boca cheia, que não há Pobres...!

Badala-se, agora, a luta contra a pobreza. Concretamente, o que diz, para este campo, a nível nacional? Haveria hipótese de acudir a muita gente que sofre imerecidamente! Não faltariam meios... para servir terapêuticamente quem precisa, com mais ou menos eficácia, por organizações e/ou instituições oficiais e particulares. Ali, talvez com excesso de burocracia; aqui, pela doação do Voluntariado que procura e acode às causas da pobreza, sem peso para o erário público — com solidariedade cristã.

PARTILHA — Para a «Casa do Xai-Xai», um cheque da assinante 31285: «Antes de ir de férias envio uma pequenina gota que gostaria pudesse ser multiplicada como Jesus fez aos pães que distribuiu por todos os que necessitavam. Mas, não tenho esse poder e, por isso, desejaria que fosse distribuída como melhor entenderem. No entanto, lembraria a «Casa do Xai-Xai», etc. Acrescenta: «Ao ler o Famoso é uma chama que nos invade e convida a ser melhores, a não pensarmos só em nós e nas nossas férias».

Mais uma bolada da assinante 113, do Porto, para a «Casa do Xai-Xai» — como sugere — lembrando que, há dias, festejou o 76º aniversário «com saúde e a alegria de me ver rodeada de quatro filhos, uma filha adoptiva, dezoito netos e nove bisnetos — graças a Deus!» Sublinha, ainda: «Agradeço a alegria de poder partilhar com outros o que tenho; isso me dá a sensação de espalhar um pouco de bem e felicidade à minha volta e vai sendo um costume, de há anos para cá». Que senhora feliz, pela graça de Deus!

Rua das Amoreiras, mais um cheque, parte dele para os nossos Pobres e um desabafo: «Não tenho feito nada por ninguém. Só pelos meus pais velhinhos. Sinto-me infeliz, por isso». Já faz tanto!

Três contos, de Setúbal, «para uma viúva com filhinhos». A nossa Amiga pede «orações pelos meus cinco netos». Habitual cheque, de Santa Cruz do Douro. Lavadores (Gaia), esclarece oferta enviada: o que restar da assinatura d'O GAIATO «será uma pequena ajuda para os vossos Pobres, de modo especial as viúvas».

Assinante 9708, de Coimbra, 5.000\$00 «para ajudar uns idosos e por

alma de meus pais que viveram com muita dificuldade, antes de eu me empregar». O costume, de Vilares (Vila Franca das Naves). Mil escudos, do assinante 16696, de Venda do Alcaide. Vale de correio do assinante 42282. O costume, do Fundão, acrescido do 14º mês, com a devoção de sempre. Mais um 14º mês, de Tavira, permanecendo no anonimato. «Pequena oferta para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Oferta minha e de uma irmã. Mas, como sempre, não queremos que publiquem o nome n'O GAIATO.»

Todos os meses, um vale de correio da assinante 27063, do Cacém, destinado «a um necessitado». Dois contos num sobrescrito esverdeado, sem mais quê. Dez, num outro, idem. Anónimos. Dois mil «para os mais desfavorecidos», pela mão da assinante 10770, de Santo Ovídio (Gaia). Um cheque do assinante 42971, de Ovar, destinado aos Pobres «mais envergonhados. É uma esmola minha por uma intenção minha». A «Avó de Sintra» que tira cinco mil ao décimo quarto mês e pede desculpa por não poder ser mais. Aqui está o valor!

Por fim, 1.000\$00 do assinante 31235. Mais um vale de correio da assinante 26471, de Algueirão, valor a ser entregue «a uma senhora idosa e doente, conforme tenho recomendado». Quanto ao esclarecimento que pede, se não puder ter a bondade de indicar o destino do vale, a intenção perde-se no meio de muitos deles. Veja se alguém poderá substituir a incapacidade. O Senhor a ajude em todas as necessidades.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O segundo turno já regressou. Afinal também vieram morenos e alegres das férias que tiveram.

O terceiro já partiu para o desejado descanso. Esperemos que corra tudo bem por lá!

AGRICULTURA — A verdura continua a crescer. O milho está grande; as batatas já estão a sair para fora, mas parece que este ano tivemos um pouco de azar; aliás, o calor é intenso. A vinha continua em bom desenvolvimento.

SENHORAS — Tivemos cá duas senhoras que quiseram partilhar conosco as suas férias. Elas trabalharam muito, viram que aqui na Casa do Gaiato as senhoras fazem muita falta.

Eu acho que foi uma experiência boa para elas. Graças a Deus correu tudo bem. Estão de parabéns. Foi pena estarem pouco tempo cá em Casa, mas esse pouco já foi muito para nós. Os nossos agradecimentos.

Vieram mais duas senhoras; espere-mos que também corra tudo bem com elas e conosco. Obrigado!

OBRAS — Continuam em bom movimento; o novo telheiro já está pronto; portanto elas prosseguem na casa 1 e na antiga oficina de tipografia. Esperemos que acabem bem.

VISITANTES — Continuem a visitar-nos, que serão sempre bem recebidos, porque a nossa porta está sempre aberta. Muito obrigado.

KARATÉ — No dia 13 do corrente mês o nosso grupo de Karaté fez o

exame para a mudança de cinto. Estamos todos de parabéns, passaram todos. Precisamos de material. Obrigado!

Lupricínio

Praia de Mira

Mais uma vez houve a mudança de turno na praia, pois foi a vez do 2º turno dar lugar ao 3º que é praticamente constituído pela nossa malta mais velha que bem precisa de descanso. E também já se foram embora os rapazes da nossa Casa do Tojal que também aproveitaram ao máximo este tempo de férias no meio de nós.

Esta época balnear está sendo muito quente e tal facto impossibilita, muitas vezes, a nossa malta de estar mais tempo na praia. Mas, enquanto esperam que o tempo arrefeça um pouco, uns jogam às cartas, outros vão dormir a cesta, outros vêem televisão, enfim todo o mundo arranja uma ocupação enquanto o tempo passa.

Muitas vezes, a nossa malta vai à Barriinha dar uma voltinha com o nosso barco que como sempre vai e vem bem carregado; e os outros, enquanto esperam, tomam banho e ficam à sombra dos pinheiros.

Cá por nosso lado, vamos todos gozando as férias. Esperamos que as vossas sejam tão boas como as nossas.

Têm chegado alguns amigos a trazer coisas a nossa casa. Um casal nosso vizinho pagou a assinatura e deixou dez mil escudos. O nosso Padre Telmo trouxe o carro cheio de melões. A Dra. Teresa ofereceu bifés grandes para o almoço. Os pescadores, quando há peixe, também no-lo dão. Têm-nos trazido sacos de batatas e caixas com fruta. Ficamos muito contentes e agradecemos tudo o que nos dão.

Carlos Zé

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Caros Amigos, estas letras que lbes dirijo são em primeiro lugar para vos saudar com todo o respeito.

O assunto é quase sempre o mesmo. É um pobre que vegeta, o outro entredado, é mais um atrasado mental...

Nós deitamos a semente à terra mas a maior parte não dá fruto. Nós queríamos mais. Eles precisam de mais. Temos tantos para socorrer e tão pouco podemos sem a vossa ajuda. Já repararam que quando se dá sem vaidade, com justiça e amor ao próximo, nós sentimos aliviados e mais leves, porque há alguém que bem conhecemos que está por detrás?

Espero a vossa amizade e o vosso respeito pelos que acima refiro. São nossos e vossos também.

Recebemos 2000\$00 de um anónimo entregue a alguém ou na caixa correio. Lá está o dar sem anunciar para que não toquem os sinos.

Recebemos de Marília Dias, 1000\$00 pelo 26º aniversário do falecimento de pessoa de família.

A todos o nosso muito obrigado.

Cristiano

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Esperamos, muito brevemente, começar a construção de dois blocos, num total de 16 moradias. Como já dissemos em crónica anterior, tivemos que alterar o projecto inicial devido aos elevados custos. As boas vontades de colaboração de técnicos do Instituto Nacional de Habitação e do Presidente da Câmara de Penafiel, não têm sido suficientes para ultrapassarmos o impasse em que vivemos desde meados de 1989, altura em que entregámos o primeiro projecto aos empreiteiros para nos fornecerem orçamentos.

Tivemos o azar de a maioria dos sócios da Cooperativa não terem rendimentos suficientes para suportarem os encargos, razão porque tivemos que optar por um segundo projecto em que a maioria pudesse ter acesso a uma casa.

Estamos esperançados que brevemente iremos arrancar, nem que para isso seja necessário ir ao Terreiro do Paço.

OFERTAS — É com muita alegria que registámos a presença de dois antigos

gaiatos, ambos a trabalhar na Alemanha. Assim, o Antero entregou 30.000\$00 para aplicarmos onde for mais necessário. O Agostinho, o telhado para uma casa.

É consolador verificar que antigos companheiros, hoje bem instalados na vida, se preocupam com irmãos mais desfavorecidos.

Estamos certos que esta notícia também irá alegrar os corações daqueles nossos leitores que nos têm ajudado.

De A. Pinto, Lisboa, recebemos uma carta e afirma: «Como não contava com eles, serão vossos. Não agradeçam». E junta um cheque de 17.000\$00. De Maria Luísa, 70.000\$00; Maria Isabel 5.000\$00. Assinante 146, com palavras muito amigas, 10.000\$00; mais duas ofertas de 1.000\$00 cada e outra de 7.000\$00.

Que Pai Américo peça ao Senhor a bênção para todos vós.

Carlos Gonçalves

Associação de Antigos Gaiatos

• CENTRO

Sete de Janeiro de 1990 — dia da celebração das Bodas de Ouro da «Casa-Mãe» de Miranda do Corvo.

Para que esta data fosse comemorada com a profundidade e o entusiasmo que lhe eram devidos, alguns encontros de preparação aconteceram.

Então, os laços de amizade e estima, que já nos uniam, intensificaram-se de tal modo que nos sentimos envolvidas nestas celebrações e, desde logo, criámos dentro de nós espaços de disponibilidade para respondermos, sempre que fôssemos interpeladas.

Integradas num pequeno grupo de mulheres de antigos gaiatos, ajudámos a preparar o dia principal das comemorações.

A força recebida foi gratificante e levou-nos a dizer sim a uma nova tarefa: participar nas Festas do Gaiato da zona Centro.

Foram muitas horas de ensaio, foi o cansaço, foram os fins de semana que deixaram de ser inteiramente nossos, mas tudo isto foi superado em calor humano e em aprofundamento das relações entre antigos e actuais gaiatos que participaram nas Festas.

E então sentimos a felicidade de sermos úteis e o dom da gratuidade de que nos fala Pai Américo: «Não te falo de perfume, nem de beleza. Falo-te de doação... de gratuidade... Só um coração liberto entenderá o segredo».

Ao sentirmo-nos a transbordar do amor que vivemos e sentimos, e não o

querendo só para nós, gostávamos de partilhar e, também, viver esta experiência maravilhosa com os outros casais da Obra. Estamos, por isso, a idealizar já um «Encontro» em Fátima, que muito enriquecedor seria para todos, e para o qual contamos com o apoio dos Padres da Rua.

O desafio fica lançado.

Somos uma família e os laços precisam de ser cada vez mais fortalecidos.

Alguém, no seu testemunho, dizia considerar como irmãs e irmãs suas os antigos gaiatos e mulheres e também os actuais. Que bom seria que todos e todas vivêssemos em comum estes sentimentos que são o pensamento de Pai Américo.

Gratas ao Pai por esta bela experiência, a nossa estima e carinho para todos vós.

Nanda e Odorinda

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

ENCONTROS

• Em Lisboa

Há acontecimentos que só a vida pode aproximar. Friamente, com serenidade de pensamento e razão, seríamos incapazes de criar qualquer interligação. Mas, quando a roda da vida cria as aproximações e induz as conexões, perdemos, depois, algum tempo a desarticular e a desfazer os nós que a vida deu.

Numa quente noite de Julho, passei o serão a explicar a um dos nossos rapazes, que arduamente tenta conquistar um lugar na Universidade, as aventuras de D. Quixote. Aconselhei a leitura de, pelo menos, alguns capítulos, a fim de poder avaliar melhor a exemplar riqueza humana presente no «cavaleiro da triste figura». No dia seguinte, o nosso rapaz entra-me pelo escritório dentro sorridente, dizendo-me que se tinha divertido imenso ao ler, pela noite dentro, as canhestras aventuras.

Outro tanto não podia eu dizer. Também passei a noite em aventuras quixotescas, mas de outra ordem. Creio que fiz sobretudo a figura do Sancho Pança, sofrendo a malfadada sorte que anos desconhecidos me prepararam. Pouco passava da meia noite e sou sobresaltado pela chegada de dois carros. Não os esperava. Saio a investigar. Agentes da G. N. R. rodeiam as viaturas. Dentro de uma delas um miúdo que aparentava os seus doze anos. Vim a saber que tem catorze. Apresentam-me um mandato do Tribunal. «Seja entregue... Cumpra-se». Pasmeei de admiração.

Não sabia de nada, para nada tinha sido consultado.

Disse aos senhores agentes que não podia receber, o melhor era levá-lo de volta e entregar ao tribunal a fim de se encontrar outra solução. Veio nova admiração: «Oh Senhor Padre, o tribunal fechou hoje e nós fizemos todo este caminho para nada».

Entretanto, alguns miúdos acordaram e, vendo o miúdo ali, de malita na mão, exclamam: «Olha o Algarvio!» Soube então que há já ano e meio o miúdo esteve cá em Casa. Durante dois meses fez três fugas, levando sempre um outro com ele. Dos factos o tribunal teve conhecimento. Morosamente, responde ano e meio depois com esta ordem. Possivelmente o Sr. Dr. que despachou nem se deve ter apercebido de que o rapaz cresceu, que, entretanto, a Instituição que pela primeira vez o acolheu pode ter uma palavra a dizer... Retrato da situação? Só o comentário do miúdo: «Mandam-me sempre para sítios onde eu não gosto. Primeiro foi para um colégio de atrasados e agora para aqui onde não há miúdas».

O epílogo destas aventuras é sempre o mesmo. Acabei por ficar com o moço. Agarrei-me à esperança que me deu o seu comentário franco e ao sorriso que o acompanhou. Por dentro, estou roído de dúvidas sobre as possibilidades de ele criar raízes. Também o receio de que me desencaminhe outros. Perplexo sobre o seu futuro, dado que se apresenta com uma escolaridade primária mal amanhada. Ansioso por saber se ele

se deixa amar e é capaz de amar. Problemas destes o Sr. Dr. Juiz não tem. Despachou...

Não sei que faria se fosse Juiz. Sempre tive da Justiça uma imagem de seriedade, de defesa do bem e, sobretudo, de defesa do homem com tudo o que implicam as circunstâncias do seu nascer e seu desenvolver. Tomar decisões justas é sempre difícil e é sempre um ideal a cultivar, uma sede e uma fome que nunca se saciam com as deficientes decisões que se têm que tomar. A experiência que vou tendo das decisões tomadas nos nossos tribunais, especialmente no que respeita a menores, deixa-me com uma enorme ânsia de dias em que seja

feita uma justiça justa. Parece, às vezes, que se tomam decisões sobre papéis acumulados sem se pensar que, por detrás dos papéis, se encontram vidas humanas e, ainda por cima, vidas sofredoras e, quantas vezes, indefesas. Protela-se, burocratiza-se, oficia-se, inquere-se... E a criança que está numa fase evolutiva profunda em que dois ou três meses são suficientes para tudo alterar? E se os nossos juizes dos tribunais de menores vivessem uns bons tempos no meio das crianças dos bairros e famílias degradadas?

Leis... Leis... E depois?

Nota final: Hoje, doze dias depois de receber o «Algarvio», vem uma carta do tribunal a perguntar o que queríamos dizer com um ofício escrito em Março de oitenta e nove e respeitante ao encaminhamento do moço. Mais uma vez fico a misturar tudo: Tribunal, moço, instituição, D. Quixote...

Padre Cristóvão

Tribuna de Coimbra

• Foi numa manhã com réstea de sol quente. Encontrei o Pedro a limpar as pedras da calçada onde costumam dar a merenda. Junto dele um balde com água e sabão e nas mãos uma serapilheira a esfregar o chão. Com uma cara de sorriso de quem cumpre um dever sagrado.

Revi o Pedro que veio comigo no Natal. Veio da cidade onde nasceu e onde pedia, por esmola, aquilo que comia com a mãe e dois irmãozitos. Disse-me que ia todos os dias buscar a sopa ao quartel. Tudo tão bem contado!

A mãe é incapaz de se governar e é tudo por esmola. O pai está preso e não se sabe até quando. O Pedro esteve em várias casas de crianças, mas era um «insurra» e tinha de ser posto fora.

Nesta manhã, o Pedro pareceu-me que já não era aquilo que parecia e que diziam dele. Tem sido uma criança normal. Quando veio, frequentava a quarta classe e na nossa escola teve de passar para a terceira. «Eu não sabia nada!...» Tudo muito natural e com muito sorriso. Tenho esperança no Pedro.

• O domingo passado foi uma festa em nossa Casa. O nosso grupo de futebol ganhou o campeonato que andava a disputar. Duas taças lindas: a de disciplina e a de campeões.

Eu também assisti ao jogo. Jogavam bem e senti-me muito feliz quando eles, com os braços no ar, recebendo as taças e palmas da gente. Recebi também muitos abraços e parabéns. Pareceu-me que os gaiatos eram os **meninos bonitos** de todos. «Quem meus filhos beija minha boca adoça.»

A seguir fomos todos para a aldeia dos que perderam. Ofereceram-nos o jantar. «Uma caldeirada de cabrito.» Que convívio tão fraterno se fez naquela oficina onde nos serviram a refeição! Não houve vencedores, nem vencidos. Os mesmos pratos, a mesma panela, o mesmo pão e o mesmo vinho. Um abraço apertado e «até amanhã se Deus quiser».

Na viagem até à praia e naquela noite vivi horas de felicidade por aquele convívio e, sobretudo, pela taça de disciplina que os rapazes ganharam. «Fomos os que nos portámos melhor» — diziam todos ao mesmo tempo. A taça tem uma placa que diz: **Oferta da Câmara Municipal de Miranda do Corvo**.

Que os nossos rapazes desejem ser sempre os que se portam melhor.

Padre Horácio

Ecoss do 16 de Julho

Há quem diga que a memória é a faculdade de esquecer. Também o será..., que nenhuma é tão grande que possa reter todas as imagens do passado. Mas é, sobretudo, o poder de recordar, isto é, de actualizar lembranças que têm raízes no coração.

Eis o que nos sugerem tantas presenças no nosso correio em volta desta data. Gente a quem Pai Américo incomodou, contagiando-os da sua inquietação. Gente que continua sofrendo desse mal sem cura enquanto não forem saradas tantas feridas sociais que são a sua causa. Felizes, ao modo do Evangelho!

Desde aquela velha Assinante que faz questão de que a sua ficha seja posta em dia nesta data, a outros que se exprimem de modo análogo às lendas que aí vão.

Maia: «Em nome de todos os gaiatos, que Pai Américo tanto defendeu e amou, e não só; e ao mesmo tempo, recordando e aclamando a sua bondosa alma neste 34.º aniversário da sua morte eternamente viva — faço votos a um futuro cada vez menos penoso à Humanidade; que o nosso mundo seja gradualmente mais belo e melhor».

Mangualde: «Hoje, dia 16 de Julho, lembrando a data da partida de Pai Américo para o Céu, não posso ficar indiferente, enviando esses escudos, para qualquer guloseima de algum deficiente do Calvário.

Com os meus melhores cumprimentos, peçamos todos ao Céu para que o Pai Américo continue a interceder pela sua tão valiosa Obra da Rua».

Porto: «Aproxima-se o dia 16 e eu não posso esquecer essa triste data — creio que não me enganei no dia. Com os meus 85 anos, é natural falhar a memória; mas lembro-me como se fosse hoje, o convívio que tive com ele, aí e no Porto, quando o encontrava na rua e corria para ele, despejando o que levava comigo para as compras.

Pedia-vos uma oração pela alma do meu marido que perdi, há três anos.

Um grande e saudoso abraço para todos os continuadores dessa abençoada Obra.

Zé Ninguém»

Tão antigo o conhecimento desta «Zé Ninguém», do Porto — até a letra, tão firme ainda, apesar dos 85 anos! Mas só agora sei que afinal ele é ela, pelo pedido que nos transmite: «uma oração pela alma de meu marido».

Um grande abraço a todos estes Amigos que tornam a Obra mais valiosa e lhes atraem bênçãos e contribuem, não defendendo mas expondo o seu coração, para que «o nosso mundo seja gradualmente mais belo e melhor».

Padre Carlos

DOCTRINA



A Miséria é pendor de vícios

• Sabemos de alguns casos que os hospitais despedem a título de liquidados e continuam no tugúrio, por liquidar, à mercê de corações que lhes passem à porta, chorando. Para estes casos têm sempre valor mais panos de linho e mais lençóis usados; porquanto o regulamento que despede males sem cura, não nos dá panos de linho nem ligaduras com que os possamos curar em casa. E bem pudera fazê-lo! E destarte corre a minha vida, sina que Deus me deu, a salvar os arrojados à praia, certo de que também eles, pelos merecimentos de Jesus, me hão-de salvar um dia. Temos de beijar a mão de quem nos ajuda e andar nas bocas do mundo, se bem quisermos consolar a doença, mitigar a fome e corrigir os vícios de naufragos — nomeadamente os viciados.

• A gente senta-se à beira deles em hora de confidência e no desfiar da meada vai observando, com infinita dor, as tristes consequências da prostituição, do mau exemplo das camadas altas, das tabernas de porta aberta em todos os cantos e a toda hora; tudo isto fardos pesados, a cair impiedosamente por cima da fraqueza de famílias inteiras, sem formação moral, sem educação religiosa, sem discernimento das coisas; mal comidos, mal instalados, sem voz activa no mundo, absolutamente desprovidos de qualquer arma de defesa contra tamanhos males — vícios feitos dos vícios da Sociedade.

• Sobretudo, e muito principalmente, a Taberna! O trabalhador chega da fábrica aos sábados com a jorna da semana. Sába, a taberna, onde bebem amigos. Ele não conhece o gozo espiritual da leitura, nem do passeio pelos campos, muito menos da obrigação cristã do terceiro Mandamento. Não é dia de trabalho, sente os amigos a beber e tem dinheiro na algibeira...! De resto, ele entra para beber um copo; de maneira nenhuma embriagar-se.

• Ando de tal maneira cansado de ver nos bairros sujos da cidade famílias desorganizadas e crianças à fome por causa do vinho, que se em presumo ser atendido, não se me dava ir até Lisboa, de barão ao pescoço, lançar-me de rodilhas no piso da Assembleia e oferecer a minha vida ao senhor Presidente dela e ilustres Deputados, a troco da Lei que mandasse fechar as tabernas à hora e nos dias em que fecham as fábricas e a Bem da Nação. Ou melhor, para simplificar e defender trabalhadores dos trabalhos da taberna, iria na mesma atitude até junto de seus patrões pedir-lhes que fizessem da segunda-feira, em vez de sábado, dia de pagamento. Que grande revolução social!

D. Amín. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

SEJAQUIM

Passou por Miranda do Corvo, mas foi em Paço de Sousa que marcou presença e várias gerações de rapazes, durante muitos anos, orientando aquela porção mais nova da Comunidade que se ocupa de múltiplos trabalhos na quinta e na vida doméstica e dá pelo nome de os da lenha.

Naquele tempo era esse o combustível; e o abastecimento da cozinha e da padaria e do balneário era assegurado pelo grupo — sem dúvida, a sua tarefa principal de que toda a Casa dependia quotidianamente. Daí o nome: os da lenha!

Mas a limpeza da aldeia, a abertura e conservação dos arruamentos, a britagem do cascalho (quantos metros cúbicos dele escondidos nessas ruas e nas placas de betão das nossas casas!), o transporte de todas estas mercadorias em longos e constantes comboios de padiolas, o apoio aos trabalhos agrícolas de ponta, como a colheita da batata, a vindima... — tudo constituía a missão deste grupo que era, e continua sendo, um esteio importante da vida desta Comunidade.

O progresso, a mecanização roubaram um pouco de poesia, é verdade. Mas nem por isso este batalhão de rapazes pequenos deixa de ser o mais sedutor e, porventura, o mais eficiente de quantos produzem a nossa vida.

Pois de todo este ministério, verdadeiramente super, *SeJaquim* era a cabeça, que muitas vezes funcionava na hora do sono, planejando trabalhos e alternativas de interior sempre que o estado do tempo estorvava os de «céu aberto», quase todos!

Nas «obras públicas», o secretário de estado era outra figura típica desta Aldeia, que o Senhor veio buscar-nos há já bastantes anos: *Ti João Manco*. Este, com a deficiência que o nome sugere, *SeJaquim*, cego de nascença, via como ninguém, até ao pormenor das tarefas que encomendava aos seus rapazes; via com a ponta da sua cana.

Dois homens que nos deixam uma grata lembrança e uma admiração profunda. Quando a alma é grande, a deficiência física não impede a eficiência!

Porém, *SeJaquim* possuía outro atributo muito válido numa Casa como a nossa: a música. Ele era o mestre de canto-coral. Na Capela, como nas Festas, pontificava. Quantos encómios Pai Américo não deixou escritos ao *Orfeão de SeJaquim*, prato forte nas idas ao Coliseu, nesse tempo em que o próprio Pai Américo era o responsável do programa: a apresentação do que éramos, tal como éramos, sem qualquer pretensão de espectáculo — apenas um serão familiar que cada qual animava com a graça de que era capaz. Que saudades da primeira Festa a que assisti, ainda da meia-rodada da plateia, mal sabendo que na vez seguinte já participaria no convívio da grande Família da



outra meia-rodada! «Malbas que o destino tece»!

Há muitos anos, já, que *SeJaquim* não estava connosco. Franzino, imberbe, não se lhe dava pela idade. Mas os anos não paravam de contar. Oitenta, completou-os. E agora não conta mais, que a Eternidade não se

mede. Hoje, dia de S. Joaquim e Santa Ana, Pais de Nossa Senhora, desceu à terra, não no Rochoso onde nasceu, mas perto, na cidade da Guarda, onde viveu com seus sobrinhos desde que daqui partiu. Deus o levou — esperamos que para o ter sempre consigo.

Padre Carlos

Cantinho das Senhoras

Continuação da página 1

tiveram lugar junto de familiares, só eu não tive lugar junto deles, nem sequer me vêm ver». Animei-o e acarimei-o como pude. São tantos os desabafos deste género que, às vezes, nos comovem até às lágrimas. De um outro, mais ou menos da mesma idade, ouvi esta frase, há muitos anos: «Se não viesse para a Casa do Gaiato era um grande trifulha». Hoje, já com 27 anos, é casado, com a sua vida organizada e muito bom rapaz. Por tudo isto vale a pena sacrificar a vida por eles.

A maior parte das senhoras que trabalham na Obra da Rua estão próximas da casa dos setenta. O nosso trabalho já é feito com bastante custo e o tempo que, de futuro, poderemos dispor, já é curto. A nossa mágoa é grande, sentir que o nosso lugar fica vazio, deixando

estas crianças novamente desprotegidas. Será que em Portugal não há mulheres que se queiram dar a estas crianças carentes de amor e carinho?! Não dói o coração deixar lugares vazios?! É um caminho e uma obrigação de todos.

Se pudéssemos atender a todos os pedidos de admissão, tínhamos em todas as Casas mais do triplo das crianças. Para tratar e cuidar delas não haverá ninguém? Isto é um apelo de consciência.

Serva da Obra da Rua,

Helena

CARTAS

«Quase tenho vergonha de tapar o meu débito de O GAIATO. Sou incorrigível de preguiça. Por isso, junto ao pequeno cheque, o pedido de uma oração ao Pai do Céu por intermédio da Virgem Maria, no sentido de me ajudar a valorizar a vida que me restar, sendo menos preguiçosa em tudo, incluindo a partilha dessa mesma vida e de todos os bens que Ele me for dando.

Assinante 27598»

«Envio este cheque que se destina à minha assinatura d'O GAIATO.

O que sobrar que seja usado para qualquer das tantas e tão vastas necessidades que, em cada jornal vêm relatadas. E chamo-lhe jornalzinho só pelo carinho, porque ele é grande, grande...!

Para cada necessidade bem queria ter dinheiro e poder para acudir. Mas, o que eu mais queria, era dar a minha ajuda em pessoa; ser uma dessas 'Mães' de que tanto precisais e pedis — já que Deus não me deu crianças a mim — senão aquelas com quem trabalho e de quem tanto gosto. Ou, também, aqueles 'felizes em Deus' do Calvário.

Mas tenho em casa um 'filho', graças a Deus saudável, mas velhinho, que é o meu pai e que precisa de mim.

Por isso só posso dar algum dinheiro e as minhas orações pela vossa Obra.

Assinante 21788»

«Venho, mais uma vez, pagar a minha assinatura e a do meu vizinho. Peço desculpa de ser tão pouco, mas Deus sabe que eu não posso.

A minha saúde é muito má e o fim não tardará. A pensão de reforma é muito pequenina. O ano passado fiz duas operações, vivo sozinha, mas O GAIATO ajuda-me a conformar; não posso passar sem ele! Ainda leio, graças a Deus.

Ana»

TRÊS AVISOS

1 O «Batatinha» que faz visitas em nome da Casa do Gaiato na Região do grande Porto... E não só.

O «Batatinha» é um batatão que deve rondar os vinte anos, a julgar dos quatro ou cinco que passaram desde que somos conhecedores da sua actividade.

Umás vezes aparece a vender bilhetes para um espectáculo organizado pelos gaiatos. Aqui há tempo os bilhetes eram um cartão do género «grupo dos vinte amigos».

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (3 volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista; A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

★

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Ultimamente são umas senhas do Totoloto. Não se menciona a sala do espectáculo, nem lugar, nem data, nem nada. Outras vezes, apresenta-se a cobrar assinaturas d'O GAIATO ou livros da nossa Editorial e ameaça com multas os hesitantes. Geralmente diz que o padre está lá fora na carrinha e que o mandou à frente a dar conta do recado. Tudo tão grosseiro que é surpreendente haver quem caia no conto, mesmo que nos não conheça bem e não saiba que nunca usámos nem tentamos usar tais processos.

Quer em O GAIATO, quer na Grande Imprensa e até na Rádio, se tem denunciado o embuste. A P.S.P. sabe. A G.N.R. também. Os Tribunais, as vezes que o «Batatinha» (ou outro do mesmo gang) lá é levado, mandam-no embora... em paz.

Conclusão: Enganar o próximo é uma profissão liberal, liberalíssima — e o «Batatinha» (e/ou sócios seus) exerce-a sem problemas. Perfeita a sua lógica.

Que fazer?... Damos uma vez mais este aviso. E pedimos o favor a quem nos não perguntar antes se é verdadeiro o conto do «Batatinha», que o não faça depois de ter caído, às vezes com muitos contos de réis.

2 ROUPA DE VESTIR — Sempre nos vestimos, e continuamos a fazê-lo, com roupa que nos dão. Mas nestes tempos de «sociedade de consumo», ela é tanta que, apesar de a redistribuirmos quanto nos é possível e nos é aceite, não conseguimos dar vazão nem temos onde a guardar.

Por isso pedimos a vossa compreensão e sobriedade e critério nas remessas de roupa, lembrando que somos uma comunidade de jovens e o vestuário que lhes não seja adequado é inútil e vem avolumar o problema de espaço.

Este recado visa sobretudo aquelas pessoas que dizem ler no jornal pedidos de roupa, o que na verdade há muito não acontece, mesmo nas

notícias das Conferências Vicentinas, com as quais a Casa reparte quanto lhes é preciso.

3 MEDICAMENTOS — Aqui, sim, vai mais do que um aviso; também uma queixa.

Gastamos horas na escolha de remédios que nos chegam, para aproveitar, às vezes, uma pequeníssima fracção.

É a desactualização dos fármacos. São os prazos de validade excedidos. E isto doi, porquanto, quase sempre, as grandes remessas vêm de Postos de Saúde e consultórios médicos onde se sabe bem avaliar a oportunidade ou a nulidade da remessa.

Da última que chegou, exactamente de um Posto de Saúde, os medicamentos com prazo de validade inscrito nas embalagens tinham expirado, os mais recentes, em 1986. E dos outros, sem prazo inscrito, as próprias embalagens denunciavam a antiguidade de muitos remédios, vários dos quais já nem se usam. Foi uma canseira inglória, horas inutilizadas.

Aqui está um ponto em que uma ajuda criteriosa, atempada, nos seria preciosa. Antipiréticos, xaropes, antibióticos, colírios, remédios de otorrino, tónicos, vitaminas — eu sei lá... Melhor do que eu sabem certamente o que é mais conveniente a casas com centos de jovens, como as nossas, aqueles que têm a iniciativa dos envios, se querem realmente ser prestáveis e não apenas alijar o que não serve.

Padre Carlos



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e Imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Poço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Julho: 73.625 exemplares.